3 1761 06976972 7

Est. 6
Prot. 3

CONDE DE MONSARAZ

Da Academia Real das Sciencias

Musa Alemtejana

LISBOA — LIVRARIA CLASSICA EDITORA

* DE A. M. TEIXEIRA & C.TA *

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20—1908

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/musaalemtejana00mons

MUSA ALEMTEJANA

A.V.

Composto e impresso na Typographia Santos
Rua das Flores, 62 — Porto

Ernestina Cordeiro da Silva

CONDE DE MONSARAZ

Da Academia Real das Sciencias

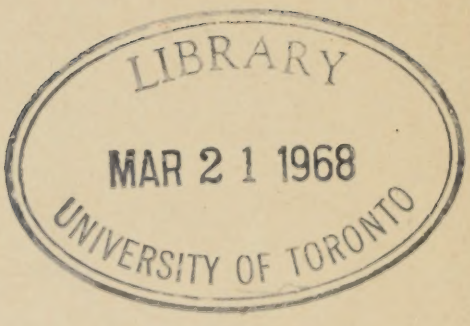
Musa Alemtejana

LISBOA — LIVRARIA CLASSICA EDITORA

DE A. M. TEIXEIRA & C.TA

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20—1908

PQ
9261
M643M8



A SESTA

A SESTA

Nogueiras, altas nogueiras
Da quinta das Vedigueiras,
Dae-me sombras, dae-me paz!
Que o vigor, a beatitude,
A alegria e a saude
De quando eu era rapaz,
O sangue e os nervos me invade.
Milagres da phantasia!
Tenho quinze annos de idade,
Alma cheia de poesia
E corpo de mocidade.

Deitado, ás horas da sesta,
Sob um docel protector,
Tecido d'oiro e esmeralda,
Do sol que o rosto me cresta
E em roda os campos escalda,
Sinto o fecundo calor
A abrir, no meu peito em festa,
Sébes de sonhos em flor.

Sobre esta relva macia
Como as pennas d'um colchão,
Vôa, vôa, phantasia,
Sonha, sonha, coração,
Como d'antes succedia
Em tempos que já lá vão!

Além, por sob os montados,
Á sombra das azinheiras,
Dormem pastores e gados...
Mentrasto, que bem que cheiras!
Ai, nóra, que bem que cantas!
E nas moitas de roseiras,
Por essa varzea deserta,
Tantas rosas, tantas, tantas,
A rirem de bocca aberta!

Que troça! ai rosas, talvez
Eu adivinhe o motivo
Porque se riem vocês
N'essa alegria tão franca...
Ai adivinho, adivinho:
É por verem que inda vivo
E que já estou tão velhinho,
Com a cabeça tão branca!

Pois façam troça á vontade
De eu ser diverso do que era,
Roseiras da minha idade!
Que a seiva da primavera,
Sangue rubro aos borbotões,
Ficae sabendo, vaidosas,
Se á vossa vida dá rosas,
Á minha dá illusões.

Tenho andado tão contente
E sinto-me tão feliz,
Que é uma pena que a gente
Não diga tudo o que sente,
Nem sinta tudo o que diz,
Quando confia segredos
Ás musas do seu paiz,

Que andam dispersas no espaço,
Occultas nos arvoredos,
Para saber o que eu faço,
Para contar o que eu fiz.

Os meus primeiros amores
Que a minha memoria encerra,
Mortos por entre saudades,
Vi-os nascer n'esta terra
Espontaneos como as flores
Ahi por essas herdades...
Cada tronco m'os recorda;
Se escuto, muito a distancia,
Na lyra da minha infancia
Geme um ai, chora uma corda,
Soluça um vago suspiro,
Passa e morre o som d'um beijo,
N'um sonho a que não aspiro,
N'um goso que não desejo...

Folha secca, folha morta;
Seccou, morreu, que me importa!
Repousa no meu passado,
Ungida do meu affecto,
Folha mirrada d'um feto
Dentro d'um livro fechado.

Nogueiras, altas nogueiras
Da quinta das Vedigueiras,
Vós que em creança me vistes
Dormir n'um doce abandono,
Agitae as altas franças,
Espancae os sonhos tristes
E protegei o meu somno;
Quero dormir n'este dia
Como dormem as creanças
E como eu d'antes dormia!

AS MONDADEIRAS

AS MONDADEIRAS

Por entre os trigos as mondadeiras
Enchem as várzeas de cantorias.
Herva damninha, que bem que cheiras!
Nasces e afrontas as sementeiras
E é só por isso que não te crias.

As mondadeiras andam nas mondas,
De rego em rego, sempre a cantar,
Troncos curvados, ancas redondas,
Braços roliços e o peito ás ondas
Que não se quebram como as do mar.

Nas terras baixas ou nas vertentes,
Alegres ranchos de raparigas,
— Ó mocidade, tu nunca mentes! —
Como as cigarras andam contentes,
Mas trabalhando como as formigas.

Ranchos alegres, mondando as cearas,
Que rico assumpto para os pintores!
Lembram vistosos bandos de araras:
Saias, roupinhas de chitas claras,
Chapéus redondos, lenços de côres.

Desde o sol fóra que andam n'aquella
Faina constante pelos trigaes;
Ó mondadeiras, tende cautella,
Que o parasita que se debella,
Se escapa cresce cada vez mais!

É necessario que o trigo venha
De palha grossa, de espiga cheia.
E, quando caia na mó da azenha,
Não seja o caso que ás vezes tenha
Joio ou mistura de grãos de aveia.

Dias ridentes de primavera,
Fecundos dias para a lavoira!
A natureza se retempera
Na farta seiva que as plantas gera,
No sol profuso que os campos doira.

Voam abelhas, picando os ares,
Em torno ao freixo que as inebria:
Nos tendaes leves, rectangulares,
Nédios carneiros, aos centenares,
São desnudados pela tosquia.

E as mondadeiras, sempre mondando,
Porque o trabalho não as enerva,
Põem-se a prumo de quando em quando,
Erguendo os braços carregando
Sobre as cabeças molhadas de herva.

A tarde morre tranquillamente:
Na freguezia sôam trindades;
Penetra as coisas e invade a gente
Como uma benção de paz clemente,
Que vai cahindo sobre as herdades.

É já sol posto. Ao longe as nóras
Gemem na rega dos laranjaes.
Ó agua clara, penso que choras
E te lamentas, horas e horas,
Porque alto sobes e d'alto cáes!

E as mondadeiras voltam das mondas,
Sachola ao hombro, sempre a cantar;
Bustos erectos, ancas redondas,
Braços roliços e o peito ás ondas
Que não se quebram como as do mar!

A VELHA CANÇÃO

A VELHA CANÇÃO

Ao accender das luzes, era certo,
Chegavam os parceiros:
O delegado, um homem muito esperto,
O Lucas dos Balseiros,
Um grande caçador,
E atraz, mancando, um ingénuo—o prior.

Depois dos cumprimentos
Meu pae mandava preparar a meza:
Dois baralhos, os tentos,
Pequenas placas de marfim lavrado,
D'um lado a velha serpentina accesa
E o cinzeiro de loiça do outro lado.

Jogava-se a partida
N'um canto silencioso do salão;
Defronte, na poltrona appetecida,
Branca, sequinha, a fronte descahida,
Dormia minha avó junto ao fogão.

Ao lado, em torno á meza do serão
Que um grande candieiro
Sob o espesso *abat-jour* illuminava,
É que a familia toda se agrupava
N'aquellas longas noites de janeiro.

Lá fóra, o temporal
Vergava com rudeza
As velhas oliveiras do quintal:
Noite de lobos, negra, — que tristeza
Para os que sentem frio e não têm lar!
Que desgraçada sorte
A dos que andam sem norte
Sobre as aguas do mar!

Ás vezes minha mãe,
Que tinha uma voz doce de soprano,
Sentava-se ao piano
E cantava tão bem,
Que eu punha-me a pensar que na voz d'ella
Se ouvia a toutinegra e a philomella.

Havia uma canção que eu muito amava
E que ella preferia,
Um episodio triste em que gemia
A paixão d'uma escrava
Pelo dono cruel que a maltratava...

Minha mãe estava em plena mocidade:
Trinta annos incompletos,
Forte, alegre, morena,
Olhos grandes, leaes, sempre repletos
D'essa rara bondade
Que os temporaes serena, —
E o encanto natural que manifesta
Toda a mulher intelligente e honesta.

Era a força, a alegria
A alma, o sol que a nossa casa enchia:
Por isso, quando ás vezes se ausentava,
Era como uma luz que se apagava
Que sem ella voltar, não se accendia.

Quasi ao sahir da infancia,
Abrindo as tenras azas emplumadas,
Tentando o vôo para deixar o ninho,
Eu já via a distancia
As minhas illusões esfarrapadas,
Ligeiros véos, nas urzes do caminho.

Começava a scismar,
Criança, e a comprehender
Que a vida humana é um convulso mar
Em que a alegria, um fragil escaler,
Costuma naufragar.

Portanto, se escutava
A xacara da escrava,
Olhos fitos no chão ficava absorto
A imaginar o horror, o desconforto
D'essa negra infeliz,
Triste e sequiosa flôr á mingua d'agua,
Que morria de magoa
Longe do seu paiz.

Ha que tempo isto foi! Os annos passam
E a gente muda tanto!
Nos turbilhões d'esta continua lida
Fica-nos muitas vezes esquecida
Qualquer bella impressão da nossa vida,
Como uma flôr que nos cahisse a um canto!

Mais tarde essa impressão
Acorda novamente
E ao vêr a flôr inda com viço, então,
N'um sonho vago soffre, goza e sente
O antigo aroma a encher-lhe o coração.

. . . . . .

. . . . . .

N'uma noite de inverno,
Alegre e distrahido
N'uma rua qualquer,
Ouvi uma voz triste de mulher
Que ao piano cantava
No seu soprano doce e commovido
A xacara da escrava.

Parei, puz-me a escutar,
Olhei em roda, não me visse alguem
A tremer e a chorar!
É que era a mesma voz de minha mãe,
O mesmo timbre amargurado e terno,
E os meus olhos pregaram-se a distancia
Na téla matinal da minha infancia,
Nos meus serões de inverno:

Lá fóra a chuva, aos ais o vendaval
Nas velhas oliveiras do quintal;
Mas dentro, no salão,
Essa casta e tranquilla beatitude,
Em que brota a virtude
E floresce a illusão...

E ao escutar a morbida canção
N'essa rua afastada da cidade,
Que tristeza, meu Deus, e que saudade!

A CRUZ DE TROVISCO

A CRUZ DE TROVISCO

I

A ti'Anna do Ouchão, que é mulher de virtude,
Foi a casa da Rosa e disse-lhe:
« — Não pude,

Filha, ter mão em mim e aqui estou. Toma tento
No que te vou dizer. Queres que o teu tormento

Acabe d'uma vez? Queres cural-o? Queres
Ser inda a mais feliz de todas as mulheres?

Vêr o teu noivo são, desempenado e nedio?»
«— Ai ti'Anna! ti'Anna! o mal não tem remedio.

Já não se ergue da cama, a febre não o deixa;
Disse-me ha pouco a mãe que elle já nem se queixa...

Para alli está calado, a arder, Jesus!» E Rosa
Desatou a chorar n'uma ancia angustiosa

Que apertava, de a ouvir, o coração á gente.
«— Mas ouve, rapariga, elle está muito doente,

Bem sei, que novidade! Olha a quem tu o dizes...
Mas não te alembras já do Bento das Perdizes

Que esteve vae não vae antes do S. Francisco?
E o que foi que o curou? Uma cruz de trovisco,

Ora ahi está! e andou que até fazia horror,
Com medicos, botica e cada vez a peor.»

«— Uma cruz de trovisco?!»
«— Olhem que admiração!
Salvou-o a namorada alli, de pé p'rá mão,

Que tem animo em bárda e é mulher de segredo.
Quando ella viu que o mal do Bento era bruxedo

E o diabo a rechupar e a atanazar o homem
Que, ai filha! por um triz que as bruxas o não comem,

Chegou-se ao pé de mim e disse-me: — Ti'Anna,
Sei que é temente a Deus, que é boa e não se engana,

Acuda-me, senão as bruxas dão-me cabo
Do meu Bento, que morre e entrega a alminha ao diabo.

E então foi dito e feito. Ensinei-lhe o que havia
De fazer n'essa noite, e o Bento ao outro dia

Entrou a tomar côr, a encher a tripa e prompto:
Lá vão casar-se os dois. É isto que te conto.»

«—Mas o que hei-de eu fazer, ti'Anna?»
«— Eu já t'o ensino.
Mas olha, para tu salvares o Antonino

Tens de ouvir e calar, senão não lhe aproveitas
E até lhe podem vir mais fortes as maleitas.

Nem teu pae, nem tua mãe, ninguem ha-de saber
O que eu te vou dizer e o que tu vaes fazer.

Juras?»
«— Juro, ti'Anna. Ande depressa, diga,
Que Deus pode-o levar.»
«— Ouve lá, rapariga:

Esta noite, depois de tudo estar deitado,
Tu ergues-te da cama e vaes, toma cuidado

Não te oiça alguem sair, pela charnéca fóra
Té ao monte do Gato,—a herdade aonde mora

A Chica do Canhoto. Ha lá trovisco a esmo
Debaixo do montado, ou então podes mesmo

Topal-o ao pé da horta e escusas de andar tanto,
Não vás ter medo á noite e dar-te algum quebranto,

Que andam bruxas no ermo, és fraca, não és foita
E se arreias, adeus!— Arrancas d'uma moita

Dois ramos de trovisco e benze-l'os tres vezes
Com devoção; depois é preciso que rezes

Por tres vezes tambem o padre-nosso, ouviste?
E fazes uma cruz, que o diabo não resiste

Se a fizeres bem feita. Então mettes-te á estrada:
Irás por ella adeante até á encruzilhada

Do Freixo, e ao chegar lá, com toda a devoção
Páras, beijas a cruz e deita-l'a no chão;

Porque de manhãsinha os carros da lavoira
Passam, pisam-na, o diabo ouve-se um berro e estoira,

E o Antonino, has-de ver como elle entra em melhoras!»
«— Ai ti'Anna, eu não posso!»
«— Ah tu não podes? Choras?»

«— Tenho medo, ti'Anna. Eu nunca andei sósinha
De noite. Minha mãe pode acordar e tinha

Um susto de morrer, se ao erguer-se da cama
Não me visse, Jesus!...»
«— Muito pode quem ama

Filha, oiço dizer; mas tu não podes nada...»
«— Se elle morre, ti'Anna, eu fico desgraçada!»

«—Tens-lhe a vida na mão.»
«—Mas ir por essas brenhas...»
«— Bem, fica-te com Deus; não queres, lá te avenhas!»

II

Rosa chorou, chorou e ouviu, entre o arvoredo,
O vento a murmurar: «—Se vaes, morres de medo.»

E n'um remorso atroz, n'uma grande afflição,
A consciencia a gritar: «— Tens-lhe a vida na mão.»

Salval-o, arrebatal-o ás mãos das bruxas, vel-o
Com saude, e ella, emfim, livre do pezadello

Que a traz acabrunhada... Em maio, irem os dois,
Quando se ouve cantar no campo os rouxinoes,

Levar braçadas de hera, ervilhas, rosas, goivos
E hortelã da ribeira, os dois, como dois noivos,

Á senhora do Carmo e pedir-lhe de joelhos
Que os case e os deixe andar até morrer de velhos;

Ouvil-o, que prazer! quando estiver contente
E a vida lhe sorrir, dizer a toda a gente:

«— Estive por um triz e ella salvou-me a vida...»
E quando á espera d'elle, a moirejar na lida

Da casa, o vir voltar alegre do trabalho,
Trocando a estrada, o bom caminho, pelo atalho

Para vel-a de longe e chegar mais depressa...
Tudo isso se lhe agita em fogo na cabeça,

Lhe amplia o coração em éstos de ventura,
E embora o vento sopre e a noite esteja escura,

Sem que a força lhe falte ou que o susto a retenha,
Embrulha-se a tremer na saia de estamenha

E muito de vagar abre a porta da rua
E vae para sahir; mas subito, recúa

Transida de pavor: ao longe, entre os valados,
Vê latejar na treva os olhos incendiados

Do demonio e ouve ao largo uma risada extranha...
Um suor de agonia a petrefica e banha.

Quer gritar, mas em vão; quer fugir, mas não pode...
Sem ar, sem luz, Jesus! morre e ninguem lhe acode!

E cahiu no limiar da porta a soluçar...
Alli, na casa ao pé, tem o noivo a acabar.

No silencio da noite escuta-lhe o estertor...
Ouve chorar a mãe, e ella sem ter valor!

E a tal voz a insistir na vasta escuridão:
«—Tens-lhe a vida na mão! Tens-lhe a vida na mão!»

Rosa não poude mais. N'um impeto impellida,
Ergueu-se e arremeçou-se á noite desabrida

N'uma allucinação de fé tão inconsciente,
Tão impulsiva, que ella, andando sempre em frente,

Com os olhos a arder e a bocca esbrazeada,
Ia, sem saber onde, aos tropeções na estrada!

Ia, só Deus o sabe, em busca da ventura
Que foge quanto mais ás vezes se procura...

Da paz do amor, da paz que naufragara ha tanto
Na sua alma infeliz afogadinha em pranto!

Ia ver se encontrava o bem que lhe fugira,
Porque o bem que Deus dá não pode ser mentira

E ha-de inda encher de luz a sua vida inteira, —
Que o diabo não faz mal sempre que Deus não queira.

Um vento rude açoita a charnéca maninha,
Arqueja no montado, em furia redemoinha

E, sob o frio olhar das estrellas absortas,
N'uma dança macabra agita as folhas mortas.

Rosa perdida assim na paisagem dorida,
Gelada de pavor, sente que toda a vida

Lhe aflue ao coração. Olha: de cada lado
Vê uma alma a soffrer n'um tronco torturado;

A loucura e a paixão nas ramadas hirsutas;
E na impassivel dor das penedias brutas

O desalento, a queixa, a ancia d'uma prece
Que sobe como o fumo e o vento desvanece.

Ouve gemer, chorar na livida tristeza
Dos campos. Que desgraça afflige a natureza?

Que angustia despedaça o coração da terra?
Rosa não sabe, vae sob os montados, erra

Por entre matagaes, espectro da agonia
No phantastico horror da noite. Via e ouvia

Bruxas de grenha esparsa, olhos phosphorescentes,
Sardónicas mostrando os descarnados dentes

N'um rude pandemonio, erguendo as mãos mirradas
E as boccas contorcendo em 'stridulas risadas...

Mas pensa no Antonino a arquejar n'um casebre,
Doidinho a desvairar nos rescaldos da febre,

E na suprema fé que a galvanisa, jura
Que o sol ha-de doirar-lhe os dias de ventura

Se ella fizer bem feita essa cruz redemptora.
No entanto, o turbilhão de furias que a apavora

Cresce cada vez mais, cada vez mais perturba
A sua alma infeliz, e é entre a extranha turba

Que ella a tremer arranca, attonita, gelada,
Dois ramos de trovisco e os põe em cruz na estrada,

E foge sem parar, vertiginosamente,
Atraz d'ella sentindo a turba multa ingente

Em tropel, a correr e a uivar pragas e ameaças,
Como se todo o mal e todas as desgraças

Em rajadas de dôr, em levas de amargura
A seguissem, que horror! n'aquella noite escura,

P'ra lhe arrancarem vivo o coração em sangue...
Rosa ao entrar na aldeia, allucinada, exangue,

Ouviu chorar, gritar... Correu em desatino
E exhausta foi cahir á porta do Antonino,

Que tinha succumbido á ultima maleita...
Pobre Rosa, infeliz, fizeste a cruz mal feita!

PRIMAVERA

PRIMAVERA

Fins d'Abril. A natureza
Rebenta por toda a parte.
Não existe, com certeza,
Nem Crasso com mais riqueza,
Nem artista com mais arte.

Como o ceu se enche de estrellas,
Enche-se a terra de flôres
Talvez ainda mais bellas...
São d'uma só côr aquellas
E estas de todas as côres.

Campos largos, avenidas,
Bosques tranquillos, outeiros,
Praias das ondas batidas,
Renques de faias torcidas,
Alas nuas de salgueiros;

Tudo o que a morte invadira
Nas derrocadas do outomno,
Quando o nordeste suspira
E geme na velha lyra
Da tristeza e do abandono,

Tudo emfim rebenta agora
N'uma alegria expansiva:
Parece que, de hora a hora,
A seiva que revigora
É mais pujante e mais viva.

São claros os horisontes
Em que a vista se nos perde,
A agua canta nas fontes,
Tingem-se valles e montes
Por toda a parte de verde.

É mais alegre e lavada
A brancura das aldeias;
Já se ouve, descompassada,
A solfa da passarada
Trinando semi-colcheias.

Vestem-se os troncos vetustos
Desnudados pelos ventos,
E os mais fléxiveis arbustos,
Que o inverno vergara em sustos,
Desentranham-se em rebentos.

Cravos, rainunculos, rosas,
Papoilas, lirios, jasmins,
Cinerárias e mimosas,
As alfazemas cheirosas
Das hortas e dos jardins,

Riem ao sol que as fecunda
Todo o dia nos canteiros,
Até que á tarde as innunda
A saudade moribunda,
Dos seus clarões derradeiros!

Já da crista dos açudes
Não rompem as albufeiras
Tão encrespadas e rudes;
Murmuram como alaúdes
Tangidos por feiticeiras.

Por entre as ceáras frementes
Que ao longe parecem mares,
Ardem papoilas rubentes,
Boiam á flôr das correntes
Ilhotas de nenuphares.

Pelas pastagens rociadas
De appetitosos orvalhos,
Andam as loiras vaccadas;
Retinem pelas quebradas
As guizeiras e os chocalhos...

. . . . . .

E o sol, que alegra os montados
E adoça o nectar das flôres,
Parece que aos desgraçados
Torna os dias mais pesados
E mais amargas as dôres!

São como ignotos paizes
Aonde nunca amanhece,
As almas dos infelizes;
Troncos mortos, sem raizes,
Que a seiva não reverdece!

Abril! Abril! Quem me dera
N'essas almas carcomidas
Do tedio que as dilacera,
Ver tambem a primavera
Brotar em crenças floridas!

Que as almas, n'um captiveiro,
Sem ar e sem claridade,
Rosas sem côr e sem cheiro,
Ó Deus bom, Deus justiceiro,
Que injustiça e que maldade!

A SANTA CRUZ

A SANTA CRUZ

I

N'esse anno fomos nós passar a primavera
Ás Vidigueiras:—eu, minha irmã, que então era
A moça mais gentil d'aquelles arredores,
Minha Mãe e meu Pae.
A trama, os pormenores
D'esse trecho de vida alegre, entre os montados,
Refrescam muita vez os ermos estirados
Da minha alma sequiosa. O campo, as Vidigueiras,
A casa, a igreja, a horta e em torno as azinheiras,
Condensadas n'um bosque hirsuto, em cujas ramas
Os melros fazem ninho e os cucos epigrammas.
Na horta abre um rasgão a lamina prateada
D'uma fresca ribeira, alpestre, marginada

De choupos e chorões e faias seculares.
Toda a terra se expande em vinhas e pomares.
Ha rosas em festões ensanguentando os troncos
Madresilvas em flôr, que revestem os broncos
E velhos canapés d'alvenaria. O buxo
E as rosas de tocar formam *panneaux* de luxo;
As latadas, docéis tão densos e tão baixos,
Que a boca pode bem desengaçar os cachos.
No rebordo do tanque ha vasos d'açucenas
E craveiros reaes.
Pelas tardes serenas
Como uma estranha dôr que se lamenta e chora,
Move-se lentamente o engenho d'uma nora.

No páteo, ao pé da casa, a torre alta e vetusta,
Cuja lendaria historia os animos assusta
De modo que não ha inda hoje quem se afoite
A subir-lhe os degraus depois da meia noite.
Ao lado a igreja. É ampla, abobadada e fria.
Tem o cunho, a tração de extincta freguezia:
A pia do baptismo, o pulpito lavrado,
A um canto o velho esquife ha muito abandonado,
E no fundo d'uma arca, em putrido descanço,
Uns farrapos d'umbella e as folhas d'um ripanso...

Mas ha n'este recinto a paz consoladora
Que invade os corações. No altar, Nossa Senhora
Das Neves, um primor de mystica esculptura.
Não se pode exigir mais graça e mais ternura:
Alta, risonha, as mãos eternamente postas,
O cabello a cahir-lhe em ondas pelas costas.
Na fina encarnação dos labios descerrados
Ha effluvios de amor; e os olhos, constellados
De quanta luz etherea inunda o firmamento,
Confundem a razão perante o sentimento.

É o altar entalhado em pura renascença:
Columnas e docél d'uma folhagem densa,
Com cabecitas d'anjo e aves do paraizo
Picando em cachos d'oiro; e sobre cada friso,
Sopesando o explendor das rutilas arcadas,
Carrancas de leão, de jubas erriçadas.
Diante d'esse altar e n'esse tempo eu ia
Pedir á Mãe de Deus o pão de cada dia...
Ó doce e ingenua fé com que eu n'aquella edade
Erguia o meu olhar á paz, á suavidade
D'esse rosto de santa! Ai! soffro se me lembro
Que isto era em março e eu estou no ríspido novembro

Da vida: o inverno chega; o vento sopra forte;
As crenças vão murchando ao halito da morte;
Cahem dos troncos nus lagrimas crystallinas,
Geradas a tremer no seio das neblinas;
E a alma que cantava e o coração que ria,
Sinto que n'os invade a noite erma e sombria.
E emquanto, minha Mãe, de joelhos, a teu lado,
Eu resava o que tu me havias ensinado
Nas tranquillas manhãs á beira do meu leito,
Com os olhos no chão e as mãos em cruz no peito;
— Sobre a minha cabeça andorinhas aos pares,
N'um vôo incerto e vago em frente dos altares,
Flechas vivas crivando as orlas da cimalha,
Em busca do beiral que á noute as agasalha,
Palpitavam no espaço; e a alegria. com ellas,
Em jorros penetrava, a rir, pelas janellas,
Como se Deus soltasse, em frémitos suaves,
Gargalhadas de luz das gargantas das aves.

II

Fez-se pomposamente a Santa Cruz n'esse anno.
Lembro-me; foi em maio; a tres se me não engano.

Que esplendor! Que alegria!
Armámos as capellas
Logo pela manhã, com guarnições singellas
De açucenas e murta. O chão, atapetado
De rosmaninho em flôr. No adro, em cada lado
Do cruzeiro de pedra, erguemos nós — que festa! —
Dois pinheiros reaes, cobertos de giesta
Apertada com junco; e em cima, grandes discos
De ramos de chorões e hastes de malvaíscos.
A cruz! Eu não sei bem como isto se descreve...
Que frescura! Que mimo! Era grandiosa e leve
Ao mesmo tempo. Alli, no emblema do martyrio,
Uma rosa sorria e soluçava um lirio;
E, porque no contraste a vida se resume,
Papoulas e jasmins, a neve ao pé do lume,
Enlaçavam-se á cruz, que nos campos desertos
Olhava o ceu azul com os braços abertos.

Chegam de toda a parte os grupos de romeiros:
Gente rija do campo, homens fortes, trigueiros,
Da raça viva e sã dos velhos lusitanos.
Sobraçam com vigor os varapaus serranos;
De jaquetas ao hombro e camisas lavadas,
Cantando alegremente ao longo das estradas,

Enfeitam de verdura e matizam de flôres
As copas dos chapeus e as cintas multicôres.
Na frente as aldeãs, esbeltas raparigas,
As bocas sensuaes repletas de cantigas,
O olhar d'um brilho estranho, ironico, picante
Como agulhas de luz, o busto triumphante,
O andar firme, esmaltando alegres a paysagem
Com as saias de chita e os lenços de ramagem.

E assim se foi enchendo o pateo, a igreja, o adro.

Eu tenho na minh'alma as tintas d'esse quadro,
Mas falha-me o pincel e estraga-me a pintura.
Dançam, cantam ao sol; aqui e além murmura
A guitarra nas mãos dos broncos jornaleiros;
Troam no ar sereno e agitam-se os pandeiros;
E entre o rude tropel concentrico dos pares
Gemem os soltos ais das trovas populares.
Tudo ri, tudo esquece o desamparo, as febres
Curtidas pelo chão dos rusticos casebres,
A fome que os definha, a enchada que os cança
E os curva e faz andar no mundo á semelhança

Da besta que só vê a terra em que trabalha.
Bemdita a Santa Cruz! O pobre canta e balha,
Que a morte é longa e triste e a vida é bella e curta,
Engrinaldada assim de pampanos e murta.
Toca a rir e a saltar, que aos saltos, satisfeito,
Tambem lhes anda agora o coração no peito!
Bemdita a Santa Cruz!
O sol vae declinando;
O sino, alto, no azul, braceja soluçando;
Lá vêm as procissões.
Nas estradas oppostas
Descem pausadamente as ingremes encostas,
Por cima do *moiré* riquissimo dos prados,
Em direcção á Cruz, dois grupos isolados
De mulheres. Vem n'um, á frente, a Magdalena;
Alta, pallida, magra, erguendo a voz serena
No silencio da tarde. O seu longo vestido
É negro como a noite; arrasta-lhe, comprido
E leve como um veu, nas hervas, o cabello
Que foi o seu triumpho e é hoje o seu flagello.
E porque o ceu é brando e a terra tem abrolhos
Ella pousa na terra os macerados olhos
Plenos de contricção. Traz pendentes os braços,
Indignos de os erguer aos limpidos espaços,
E mostra ensanguentado ás filhas do calvario
O rosto de Jesus nas dobras do sudario.

Canta! Na sua voz ha queixas, desalentos,
Que apertam, só de a ouvir, os corações sedentos
De perdão e de fé na bemaventurança...

Pararam no arraial as musicas e a dança;
Tudo se cala e ajoelha. Uma doce tristeza,
Uma vaga impressão de mystica grandeza
Enche as almas de paz e as solidões invade
D'um perfume subtil d'amor e de bondade.
Avança do outro lado o grupo da Mordoma,
Que d'entre os azinhaes alegremente assoma.
Uma duzia talvez de bellas raparigas,
Modestas e gentis como as vestaes antigas,
Ornaram — que frescura! — os seus vestidos brancos
Com madresilva em flôr colhida nos barrancos
E o loendro trivial que nasce nas ribeiras.
Vem a Mordoma, egual ás suas companheiras,
Erguendo a Santa Cruz, que patrocina os lares
E d'entre as mãos lhe vae embalsamando os ares;
Vem cantando tambem, bocca vermelha e casta,
Um hymno de louvor ao Deus que nos afasta
Das rubras tentações da carne e do peccado.
Dissolvem-se no azul do espaço illimitado,

Orvalho que se esvae das folhas do amaranto,
As notas virginaes d'esse limpido canto.
No fim de cada copla, o ritornello em côro,
Murmurado em surdina, a tremer com um chôro,
Ondula na amplidão; e as piedosas mulheres,
Que como Ophelia vêm pisando os malmequeres,
Espalham pela estrada uma chuva copiosa
De folhas de mentrasto e pétalas de rosa.

Chega o grande momento, o encontro ambicionado.
Pararam junto á Cruz, vindos de cada lado,
Os cortejos. Então a Magdalena canta,
Como se lhe vibrasse em queixas na garganta,
Ao beijar o sudario, humilhada por terra,
O hymno ao redemptor que os corações descerra:
—«Para as almas sem luz, para as vidas sem norte,
Um só crisol no mundo as purifica: a morte.
Sobe o espirito ao ceu nas azas d'uma prece;
O corpo desce á terra e immovel apodrece
Como uma cousa vil! Ó Santa Cruz, erguida
Nos pincaros da fé, tão alta e revestida
Do que ha de bello e são na natureza, — as flôres,
Attende o meu remorso, escuta as minhas dôres,

E ao clarão d'esse sol que morre nos espaços
Deixa, piedosa cruz, que eu morra nos teus braços...»
E a Magdalena aspira ás nupcias do Calvario,
Põe um beijo febril nas dobras do sudario
E toda se debulha em lagrimas amargas.

Rebentam brutalmente as bombas e as descargas;
Estoiram pelo chão os bojos dos morteiros;
A dança recomeça. Os guizos dos pandeiros
Dão rizadas no ar; os pifanos dão gritos;
Tambores, cornetins, castanholas e apitos,
N'uma viva explosão de jubilo selvagem,
Atordoam, — que inferno! — e arrastam na voragem
Toda essa multidão enthusiasmada e crente.
O olho rubro do sol mergulha-se no poente.
Erram, perdida a côr, as nuvens desmanchadas;
Sobe da terra um cheiro a plantas repisadas,
— Rosmaninho e alecrim, — que os corpos retempera
No másculo vigor que insufla a primavera.

A festa continua até de manhã cedo...

.....

E eu que era enfezadinho e tinha muito medo

De me ir deitar de noute, ouvindo aquella gente,
Dormi com minha Mãe, n'esse calor clemente
Do meu ninho, avesita implume e agasalhada.
Mas, nervoso e febril, não dormi quasi nada,
Inquieto, ouvido á escuta, imaginando horrores...
Minha Mãe estendia os braços protectores,
E apertando-me, ao som d'essa algazarra enorme,
Dizia a meia voz: — «Não tenhas medo, dorme!»

SALADA PRIMITIVA

SALADA PRIMITIVA

Leitor, se amas o campo e a natureza,
Se és bucolico e rude,
E na tua rudeza
Só respeitas a força e a saude;
Se ás convenções da sociedade oppões
O desdem pelas normas e preceitos,
Que trazem pelo mundo contrafeitos
Cérebros e corações;
Se detestas o luxo e se preferes,
Francamente, ás senhoras as mulheres,
E tens, como um pagão da velha Sparta,
Pulso rijo, alma ingénua e pansa farta;

Se és algo pantheista e tens bem vivo
Esse afagado ideal
Do retrocesso ao homem primitivo,
Que nos tempos pré-historicos vivia
Muito perto do lobo e do chacal;
Se um ligeiro perfume de poesia
Que se ergue das campinas
Na paz, no encanto das manhãs tranquillas,
Te dilata as narinas
E enche de gozo as humidas pupilas,—
Leitor amigo, se assim és, vou dar-te
«Se a tanto me ajudar engenho e arte»
Uma antiga receita,
Que os rusticos instinctos te deleita
E frémitos te põe na grenha hirsuta.
Leitor amigo, escuta:

Vae, como o padre cura, cabisbaixo
Pelos vergeis da tua horta abaixo
Quando no mez d'Abril, de manhã cedo,
O sol cae sobre as franças do arvoredo,
Para sorver aquelles bons orvalhos
Chorados pelos olhos das estrellas
Nos corações dos galhos;

Passarás pelas couves repolhudas,—
Cuidado, não te illudas,
Nem te importes com ellas,—
Vae andando...
Mas logo que tu passes
Ao campo das alfaces,
Pára, leitor amigo,
E faze o que te digo:
Escolhe d'entre todas a mais bella,
Folhas finas, tenrinhas e viçosas
Como as folhas das rosas,
E enchendo uma gamella
D'agua pura e corrente,
Lava-a, refresca-a cuidadosamente.
Logo em seguida (e é o principal)
Que a tua mão, sem hesitar, lhe deite
Um fiosinho de azeite,
Vinagre forte e sal,
E ouvindo em roda o lubrico sussurro
Da vida anciosa a propagar-se, que erra
Em vibrações no ar,
Atira-te de bruços sobre a terra
E come-a de vagar,
Philosophicamente, como um burro!

ALMA RELIGIOSA

ALMA RELIGIOSA

Na parede d'uma ermida rustica

Ha uma paz infinita
Na solidão das herdades...
Ó alma das coisas mortas!
Eu sinto que me confortas
Nos campos quando me invades,

Porque todo me penetras
De ignoradas suggestões,
De mysterios ignorados,
Que evocam os meus cuidados
Á flôr das minhas canções.

Á tona das minhas queixas,
Levada de mundo em fóra,
A minha amargura espanta
Pelas tristezas que canta
E as alegrias que chora.

Surgem miserias e dôres
De entre a charneca maninha,
E escuto as magoas doridas
Que irrompem de tantas vidas,
Muito mais tristes que a minha.

São infelizes que choram
Sem terem consolação;
Creaturas desgraçadas,
Que vivem com sete espadas
Cravadas no coração;

Almas sem fé, almas cegas,
Aos tropeções pelo mundo,
Barcos sem remos nem véllas,
Que açoitados das procellas
Naufragam no mar profundo.

Que é certo haver n'este valle
De lagrimas, muita gente
Que vae andando, sem tino,
Á mercê do seu destino,
Da sua sorte inclemente,

E deixa-se ir no abandono
De forças que não reagem,
Como no inferno do Dante,
Por entre o horror palpitante
D'uma tragica paisagem.

Vendo as rezes tresmalhadas,
Nossa Senhora da Guia
Por entre as rezes caminha
Procurando, coitadinha,
Toda a noite e todo o dia

Guardal-as no santo aprisco,
Das durezas e amarguras
Do mundo vil, e as protervas,
Fogem-lhe em busca das hervas
Salgadas, das pedras duras...

Tambem no mundo padeço;
Mas terei a recompensa
N'um outro mundo melhor,
Se nunca deixar de pôr
Em Deus os olhos da crença.

E á hora da minha morte
Hei-de ver, de par em par,
N'um resplendor que idealiso,
As portas do paraiso
Abertas para eu entrar.

Entretanto, irei na terra
Bebendo as santas verdades,
O simples mel das colmeias,
Na doce paz das aldeias,
Na solidão das herdades...

AS CEGONHAS

AS CEGONHAS

Em julho, as cegonhas ajuntam-se em bandos,
Desertam dos ninhos e partem voando,
Fugindo aos calores;
Acabam nos campos as ceifas ardentes,
São mortas as relvas, as aguas dormentes
E murchas as flôres.

Ajuntam-se em bandos, nas margens dos rios,
Caladas, tristonhas, de aspectos sombrios,
Até que, aos milhares,
As azas abertas, as pernas retêzas,
Os bicos em riste, das largas devêzas
Se ampliam nos ares.

Onde ides tão altas, cegonhas, cegonhas,
Buscar novos climas, caladas, tristonhas,
Seguir novos trilhos?
Não tendes já nada que aqui vos detenha
Nas torres, nas faias, nas serras de lenha,
Criados os filhos?

Criados os filhos, não tendes já nada
Que possa prender-vos á terra sagrada
Das varzeas risonhas;
Por isso com elles dos ninhos partistes,
Com elles voastes, saudosas e tristes,
Cegonhas, cegonhas!

E até para o anno, se Deus nos der vida,
Que o instincto da especie vos move e convida
De novo a voltar;
Veremos o bando que em julho nos deixa,
Em março de volta, co'as azas em flexa
Remando no ar!

Freirinhas cingidas de veus alvacentos,
Fugiram, regressam de novo aos conventos
Na paz do Senhor,
E havemos de vel-as a olhar como d'antes
Curvadas, immoveis, dos altos mirantes,
Os campos em flôr.

Havemos de vel-as immoveis, absortas,
Á hora das régas, no fresco das hortas,
Em éstos sensuaes,
A philosopharem nas coisas eternas,
Os corpos de arminhos, e os bicos e as pernas
De vivos coraes.

Nas velhas egrejas havemos de vel-as
Em extasis, graves, leaes sentinellas
De Deus que as protege,
E pelos serviços que aos campos tem feito,
Havemos de vêl-as no amor, no respeito
Do crente e do herege.

Nos verdes quinchosos, cegonhas, Deus dá-vos
Em volta dos ninhos papoilas e cravos
E ervilhas de cheiro,
E rosas silvestres trepando e açucenas
Que á noite perfumam os pastos e as pennas
Do vosso canteiro.

Deus dá-vos, cegonhas, o gozo de olhardes
Na paz, na agonia das mysticas tardes
Os gados tranquillos,
Á veia bebendo das aguas correntes,
Emquanto se escuta, nas calmas vertentes,
A troça dos grillos

E a ancia das rolas e as queixas da nóra,
Em prantos que a terra sedenta devora
N'um rude cançaço,
As vozes do tempo, do espaço infinito,
Que gritam confusas — «Deus seja bemdito,
No tempo e no espaço!»

Cegonhas, cegonhas, que nunca nos falte
Comvosco o mais vivo, mais límpido esmalte
Que alegra a paisagem!
Cá tendes o ninho na torre da ermida,
Até para o anno, se Deus nos der vida,
E adeus, boa viagem!

EGLOGA

EGLOGA

A SOLIDÃO

Pastor que passas, triste e curvado,
Olhos nas hervas, atraz do gado,

O que fizeste d'essa alegria
Que pelos campos cantava e ria?

Que é d'essas côres que no teu rosto
Os soes ardentes haviam posto?

E o aprumo, a força da vida agreste,
Pastor ingenuo, que lhe fizeste?

Foi-se a ventura risonha e calma;
Que é do teu corpo? Que é da tua alma?

Vida entre sonhos agonisantes,
Tão outra agora do que era d'antes,

Que dôr, que incendio te vae tão nova
Queimando as azas e abrindo a cova?

Brotam cantigas por esses montes,
Cantam as aves, cantam as fontes,

Gente que passa para os trabalhos,
Guizeiras, frautas, buzios, chocalhos,

Que o sol dardeja e a luz é tanta,
Que toda a terra se alegra e canta,

Só tu na estrada, pastor, que levas,
Olhas e cegam-te as densas trevas;

Escutas e ouves em roda, apenas
O choro afflicto das tuas penas;

Essa que amaste morreu decerto;
Voou-te a alma do peito aberto

E, ave perdida por noite escura,
Anda nos ares, doida, á procura

Da outra com que ella, por noite clara,
No mesmo ninho se acasalara.

O PASTOR

Essa que eu amo, quero e não vejo,
É o carrasco do meu desejo,

O inferno, a morte da minha vida,
Alma damnada, alma perdida

Que me atormenta, que me esphacella,
A mim, que morro por amor d'ella!

Já não a vejo, mas sei que a amo!
Passaro esturdio, de ramo em ramo,

Fugiu-me e eu, triste, fiquei sósinho
No destroçado, deserto ninho.

Outro fosse antes o desenlace:
Deus me matasse, Deus m'a levasse,

Que melhor fora e antes quizera
Vêr-me entre as garras d'alguma fera,

A arder, aos gritos, n'uma fogueira,
Do que n'esta ancia, n'esta canceira!

Deixou-me, foi-se com outro, e eu sigo,
Dias e noutes a sós commigo,

Montes e valles correndo á tôa,
Sem vêr viv'alma que se condôa

De mim, coitado, que ando sem tino
Na selva negra do meu destino

Em busca d'essa que amo e não vejo,
Que é o carrasco do meu desejo.

A SOLIDÃO

Não tens remedio, pastor ceguinho,
Segue nas trevas o teu caminho,

Que o mal que soffres só terá cura
Na paz, no allivio da sepultura.

E emquanto pedes a morte, ancioso,
Sem ter socego, sem ter repouso,

Sombra dorida de visionario,
Irás na encosta do teu calvario

Como um phantasma, triste e curvado,
Olhos nas hervas, atraz do gado!

INTIMA PAZ

INTIMA PAZ

Na minha casa ha saude,
Muita paz, muita alegria;
Esta vida é talvez rude,
Mas é sádia.

Não ha requintes de gosto
Nem grandes aspirações;
Mas ha limpeza no rosto
E nas acções!

A consciencia socegada
É, sem que a muitos pareça,
A mais commoda almofada
Para a cabeça:

Encosta-se e dorme a gente,
Como as creanças, sonhando,
Sem que a dôr nos apoquente
De quando em quando.

Aqui, na simplicidade
Da vida agreste, procuro
Ir de verdade em verdade
Para o futuro,

Longe dos torvos bulicios
Onde campeia a mentira,
— Que entre maldades e vicios
Mal se respira! —

Vou nas estradas soalheiras,
Sempre evitando os atalhos,
Fugindo assim das canceiras
E dos trabalhos,

E faço a quem quer que seja,
O bem que posso fazer:
Ter a alma bemfazeja
É um dever.

D'aquelle que me quer mal
E tenta apagar-me a luz,
Livro-me eu pelo signal
Da Santa Cruz!

Foge o démo da oração
E a luz continúa accesa...
Tudo está na devoção
Com que se reza!

E a quem n'esta paz se acoite,
A vida é chão que se inflora
E a morte, não uma noite,
Mas uma aurora!

TRAGEDIA RUSTICA

TRAGEDIA RUSTICA

Quando o sino batia
As doze badaladas do meio dia,
O trabalho parava
E todo o bom catholico rezava,
De cabeça inclinada e olhos no chão,
Um padre nosso e uma ave-maria,
Com o chapeu na mão.

Logo a seguir comia
Avidamente, esvasiando o tarro,
O seu magro jantar;
E estendendo-se ao pé d'uma azinheira
Petiscava o fusil na pederneira,
Accendia um cigarro
E punha-se a fumar.

N'aquelle dia um dos ganhões — o Grenha,
Ao largar o trabalho,
Sem rezar nem comer,
Toma por um atalho,
Que atravessa o montado e que vae ter
Á ribeira da Azenha,
Onde lava a Rosaria, essa magana,
Que elle ama e que o engana.

O dia está soalheiro
E as arvores parece
Que a natureza, que as despiu primeiro,
Agora tem dó d'ellas e as aquece.

Pelas terras lavradas,
Á cata das minhocas indolentes,
Saltam subtís, contentes,
Debicando, as arveolas delicadas.

Do azul sereno sobre os olivaes,
Caprichosas revoadas
De tordos e zursaes,

Baixam, de quando em quando,
Famintos, á procura
Da azeitona madura.

O Grenha vae nervosamente andando,
Sem saber ao que vae:
Vae, porque se não fôr
Falta-lhe o ar, e o coração no peito
Rebenta-lhe de dôr.

—«O mal que essa maluca me tem feito
Para me desgraçar!
Como um cachorro andei-lhe sempre ao geito,
Que eu não via outra luz,
Nem tinha outro pensar...
Engana-me e despreza-me e, —Jesus!
Talvez que eu vá morrer n'uma cadeia,
Mas ha-de-m'o pagar!»

A ribeira vae cheia,
Nos penhascos do açude,
Choram as quedas d'agua
Alguma occulta magoa
N'um choro afflicto e rude.

Enche os campos de paz e de saude
O sol, que alegra os choupos e as sobreiras,
E aquece os braços hirtos
Das faias altaneiras
Que, entre moitas de loendros
E grandes tufos de juncaes e myrtos,
Á margem se perfilam das ribeiras.

Em parte alguma vejo
Dias lindos como estes do Alemtejo!
Que frescura, que graça, que abundancia!
Enche a gente os pulmões de ar puro e leve,
Contemplando a distancia,
Nos largos horisontes,
A crista azul das rochas e dos montes.

Mas todo o sol que em jorros
A natureza inunda,
Entre nuvens se apaga
Na alma do ganhão
Onde erra, vagabunda,
Ao vento e á chuva d'uma noite aziaga,
Como um passaro bebado, a razão!

Junto ao pégo da Enguia,
Braços nus, chapinhando
Á flôr da agua corrente,
N'uma clara alegria
Que a voz confirma e o rosto não desmente,
Lava a roupa cantando
A Rosaria, e ao vel-a,
Ninguem parece mais feliz do que ella.

É uma forte e guapa mocetona:
Morena, tranças pretas,
Olhos côr de azeitona,
Travessos, sobre a bôca appetitosa,
Negro par de captivas borboletas
Quasi a poisar nas folhas d'uma rosa,

Amplos quadrís e os peitos,
Fartos de andar sujeitos
N'um comprimido arfar,
Lembram, sob as roupinhas entre-abertas,
Duas lebres elasticas, espertas
E prestes a saltar!

E canta:

«Não ha peccado
Que não tenha absolvição;
As nodoas na roupa branca
Vão-se com agua e sabão...

Quando me abraças de noite,
Os teus braços, meu amor,
Se os abres eu sinto frío,
Se os fechas tenho calôr!»

—«E o diabo inda o confessa!»
Ruge a tremer o Grenha.
Ella volta a cabeça
E ao vêl-o descomposto, a voz rouquenha,
O olhar ferindo lume
De raiva e de ciume,
Pallido, atraz das silvas, indignada,
Batendo a roupa d'onde a espuma salta,
Murmura: «Inda outra vez este marmanjo!
Não me larga... É de mais! Eu já te arranjo.»
E canta em voz mais alta:

«Eu tenho-te odio de morte;
Mas rezo-te um padre nosso
Se te atirares ao pego
Com uma pedra ao pescoço.

«O meu rapaz é valente;
Olha lá se o descompões...
Nossa Senhora me livre
De maltezes e ganhões.»

O Grenha cerra os punhos, range os dentes,
É um homem perdido,
Corre doido. Entrementes,
Rosaria põe-se em pé e ameaçadora
Diz-lhe: — «Toma sentido
Deixa-me, vae-te embora...
Olha que eu grito!»
— «Grita, alma damnada, —
Ruge feroz o Grenha. — Não ha nada
Que nos possa salvar. Agora és minha,
De mais ninguem!» E agarrando-a com força,
Como um lobo a cevar-se n'uma corça,
Aperta-a, morde-a bestialmente, e ella

Lucta, procura desprender-se, brame
N'um desespero horrivel, braço a braço,
Peito a peito, espumante... Mas o infame,
Sentindo-lhe o cançaço,
N'um derradeiro impulso herculeo, cego,
Ergue-a e atira-se com ella ao pégo.

.....

É sol posto. Os montados
Carregam-se de sombra. A tarde esfria.
Vão lentamente recolhendo os gados.
No religioso declinar do dia
Tomam as coisas lugubres aspectos,
E á vaga meia luz
Contorcem-se no ar os esqueletos
Dos arvoredos nus.
Soam pelos atalhos
Cães a ladrar, balidos e chocalhos
N'um concerto monotono de ruidos,
Que entre as formas, as côres, os aromas
E a paz da natureza,
Enchem de uncção e languida tristeza
A alma e os sentidos.

.....

Na ribeira da azenha,
Á flôr do pégo, unidos e pasmados,
Boiam dois corpos hirtos, agarrados:
É a Rosaria e o Grenha.

MOÇAS DE BENCATEL

MOÇAS DE BENCATEL

Ó moças de Bencatel,
Não vos zangueis se vos ralho:
Muito amor, pouco trabalho;
Pouco trigo, muito mel;
— Fiae-vos no que vos digo
E não fiqueis mal commigo,
Ó moças de Bencatel —
Para vós, para a lavoura,
Tomae tento, melhor fôra
Muito trigo e pouco mel.

Vejo terras de pouzio,
Que andaram sempre lavradas,
Todas cobertas de flores;
Mas quando chegar o frio
E passarem os calores,
E as chaminés apagadas
E as camas sem cobertores,
Mal irá ás namoradas
E peor aos lavradores.

Funçanatas e derriços,
Cantigas e pasmaceiras,
Fazem fugir aos serviços
E faltar ás sementeiras:
Eis porque estão os cortiços
Abarrotados de mel
E estão desertas as eiras,
Ó moças de Bencatel.

Como abelhas, as cantigas,
Por entre moitas e brejos,
Fabricam favos de beijos
Nas bôcas das raparigas,

E os mocetões das aldeias,
Sem canceiras nem cuidados,
Largam ancinhos e arados
Para crestar as colmeias...

Ó moças de Bencatel,
Vós tendes as bôcas cheias...
Acautelai-vos, senão
Haveis de ficar sem mel,
Sem maridos e sem pão!

A CEIA

A CEIA

No monte, em volta do lume
Onde a lenha verde estoira
E a chamma alegre se ateia,
Sentam-se, á hora da ceia,
Os creados da lavoira.

Que pelos campos desertos
De charnecas e montados,
De estevas e rosmaninho,
Sahem ladrões ao caminho
E andam lobos esfaimados.

No alpendre, um pobre de Christo
Que não tenha eira nem beira,
Se os pede, encontra agasalho
De noite, e arranja trabalho
De dia na sementeira.

Fogem da faina os maltezes
Que gostam da vida airada
E andam nos montes *á pida,*
Porque é sempre a melhor vida
Comer e não fazer nada.

Ladram os cães nos apriscos,
Á noite, de guarda ás rezes,
E se os cães ladram, é certo
Que sentem por alli perto
Lobo, raposa ou maltezes.

Portas a dentro do monte,
Eis um serão bem passado
Que a alma alegra e consola:
O velho Braz toca viola,
O Zé ganhão canta o fado.

E as miserias e as desgraças
Vibram, com ais á mistura,
Do ganhão na voz rouquenha;
Fustiga o mal e desdenha
Do bem, que tão pouco dura.

Lampejam na cantareira
Os arames e os estanhos;
Perfilam-se em baixo, sobre
Poiaes, azados de cobre
Que não ha outros tamanhos.

A açorda, — que cheiro a coentros! —
Nas barrinhôas fumega:
Cada qual miga o seu pão;
Ao fundo as moças estão
Rindo, entre as portas da adega,

Emquanto a feitora ralha
De as ver em tal pasmaceira,
Que se ella não as vigia,
Lá se vão a amassaria
E os trabalhos da queijeira.

Ceiam. Em pouco a ventura
Da pobreza se resume;
Por isso, muito os deleita
Uma açordinha bem feita,
Comida em roda do lume.

Dão graças a Deus; depois
Vão dormir em santa paz.
Enche-se o monte de somno...
Até dorme, ao pé do dono,
A viola do velho Braz!

CANÇÕES DAS ROSAS

CANÇÕES DAS ROSAS

Rosas d'abril! Cada rosa
É uma bôca viçosa
Que se abre para cantar
Canções que a alma, com ellas,
Tem de subir ás estrellas,
Para as poder escutar!

Sobe em revoadas de versos,
Presa aos aromas dispersos
Que são as vozes das flôres...
.....
Só ouvem cantar as rosas,
As tristes almas anciosas:
Os poetas e os sonhadores.

SERENATA
A NOSSA SENHORA

SERENATA A NOSSA SENHORA

Manel das Hortas, o cantador,
Cantando vae por onde quer que fôr...
Tem natureza de rouxinol:
Canta a tristeza, canta a alegria,
Canta de noite, canta de dia,
Desde o nascer até ao pôr do sol!

Canta nas festas, canta nos mastros,
Olhos no ceu sob um chuveiro d'astros,
Mãos na guitarra, que geme e chora...
É a alma, a vida dos bailaricos;
Vão atraz d'elle pobres e ricos,
Se vae cantando pelas ruas fóra.

Espadaúdo, vermelho e forte,
Já fez vinte annos, vae tirar a sorte,
Foi apurado na inspecção;
Se a sorte falha, que desgraçado!
Adeus, ó moças, será soldado
E ha-de ir á guerra como os outros vão.

Deixará tudo; valles e montes,
O rir das aves e o chorar das fontes,
Dos vastos campos a beàtitude,
As serenatas e as romarias,
Pelas casernas negras e frias
E pela farda empertigada e rude.

Alma de poeta, simples e boa,
Alma com azas que entre sonhos voa
Nos esplendores da eterna graça,
Nossa Senhora se lembre d'ella,
D'essa alma clara como uma estrella,
Que brilha, canta ingenuamente, e passa...

Nossa Senhora das Vidigueiras,
Que cura o gado e acode ás sementeiras,
Amparo e guia dos lavradores,
Acolhe e escuta, compadecida,
O pobre que entra na sua ermida
Para contar-lhe as afflições e as dôres.

Se a fé é viva, se a crença é pura,
Toda a tristeza e toda a desventura
É pesadelo que se desfaz;
Que a Virgem Santa, baixando os olhos,
Demuda em rosas cardos e abrolhos
E os peitos enche de ternura e paz.

Manel das Hortas promette que ha-de,
Se ficar livre, atravessar a herdade
E vir á porta da sua egreja,
Sósinho, á noite, submisso e crente,
Dizer-lhe em trovas tudo o que sente,
Que o oiça ella e ninguem mais o veja.

Manel das Hortas cumpre a promessa:
Livre. alta noite os campos atravessa,
E a voz erguendo junto ao cruzeiro,
Ao som da banza que em dôr convulsa
Lhe agita o sangue que ferve e pulsa,
Canta este canto ingenuo e verdadeiro:

«Senhora d'olhos clementes,
Mãe dos tristes, mãe dos crentes,
Que ergues teus olhos ao ceu,
Ai! volve-os, repletos d'astros,
Aos que te contam de rastros
As penas que Deus lhes deu.

Senhora dos pés ungidos,
Amparo dos desvalidos,
Por onde quer que caminhas,
São as pedras mais amenas
Que as folhas das açucenas
E os peitos das andorinhas!

Senhora das mãos bemditas,
Lança nas almas afflictas
Bençãos em lirios e rosas,
Tu, que á miseria te inclinas,
Senhora das mãos divinas,
Senhora das mãos piedosas!

Senhora dos labios puros,
Que por caminhos escuros
Sorrís ao que anda perdido
E o levas, preso no encanto
Das estrellas do teu manto,
Do clarão do teu vestido;

Senhora que não descanças,
Que adormeces as crianças,
Á noite, nos descampados,
Tua voz salva e redime
Os que na vasa do crime
Vacillam desamparados!

Nada posso e nada valho;
Sou novo, canto e trabalho;
Sou pobre, dou-te o que tenho:
Nas trovas simples que eu canto,
Dou-te o meu sangue e o meu pranto
Em paga do teu empenho.

Sopro a sopro, a minha vida,
Quizera dar-t'a embebida
Nos perdões do teu olhar;
E no sonho em que me embalo,
O coração, arrancal-o
Do peito para t'o dar!

Quizera a alma depôl-a,
Mansinha como uma rola,
No ninho do teu regaço;
E esse amor em que me abrazas,
Erguel-o, batendo as azas,
P'ra te cantar pelo espaço,

E ver, n'um sonho florido,
Da barra do teu vestido
Brotar roseiras em flor,
Cujo aroma se exhalasse
Por onde quer que passasse
Nas ruas o teu andor!

Senhora, cheia de graça,
O olhar de Deus esvoaça
No encanto do teu sorriso;
Ai! leva-me, Virgem pura,
Pela rua da amargura
Ás portas do paraiso.

As contas do teu rosario,
Choraste-as tu no calvario
E transformaram-se em estrellas;
Rezam por ellas, anciados,
Os tristes, os desgraçados,
E eu quero rezar por ellas.

Senhora das Neves, lança
Sobre mim bençãos d'esp'rança,
Bençãos de paz e de amor!
Torna, senhora das Neves,
As minhas penas mais leves
E o meu destino melhor!»

. . . . . .

Manel das Hortas cahiu por terra.
As crenças vivas que a sua alma encerra
Deram-lhe o extase, a illusão,
E immovel, hirto, nem pestaneja,
Olhos em fogo fixos na egreja,
Espera ancioso... Sente-se um trovão;

Abrem-se as portas, de par em par;
Nossa Senhora, ao fundo, sobre o altar,
Surgiu risonha n'um mar de luz,
E erguendo os olhos e erguendo o braço,
Cheia de graça, traçou no espaço
N'um gesto simples o signal da cruz!

O SENHOR MORGADO

O SENHOR MORGADO

O senhor Morgado
Vae no seu murzello,
Todo empertigado.
É um gosto vêl-o,
Prospero, anafado,
Véstia alemtejana,
Calça de riscado:
Homem d'uma cana!
Vai, todo se ufana
De ir tão bem montado
E ella na janella...
Seja Deus louvado!

O senhor morgado
Vai nas proprias pernas,
Todo bandeado;
Tem palavras ternas
Para cada lado.
Quando passa, sente
Que é temido e amado;
Falla a toda a gente,
Topa um influente:
«Sou um seu criado...»
Eleições á porta,
Seja Deus louvado!

O senhor morgado
Vae na sege rica
Todo repimpado:
Ai que bem lhe fica
O chapeu armado,
E a commenda ao peito
E o espadim ao lado!
Que homem tão perfeito!
Deputado eleito,
Muito bem votado,
Vae para o *Te-Deum*,
Seja Deus louvado!

OS CIGANOS

OS CIGANOS

Em marchas lentas, estropeadas,
Aos solavancos pelas estradas,

Cheios de andrajos e de lazeira,
De monte em monte, de feira em feira,

Sob as faíscas do sol ardente,
Vão os ciganos, tranquillamente.

Vão em magotes, em caravanas,
Por entre as choças e as arribanas,

Pelas charnecas, pelos valados,
Olhos em fogo, rostos tisnados.

Magros fantasmas da vida errante,
Quando elles surgem, perto ou distante,

De toda a parte se erguem clamores:
Rogam-lhes pragas os lavradores,

E contra o bando roto e esfaimado,
Ladram, investem os cães de gado.

Mas os ciganos são mais matreiros,
Que os lavradores e que os rafeiros:

Raça dispersa de maltrapilhos,
Passam com bestas, femeas e filhos,

Supportam pragas, chufas, maus tratos,
Soffrem insultos e desacatos,

Imploram, gemem, fingem-se doentes,
Têm artimanhas e expedientes,

Até que ao termo de taes canceiras,
Á sombra antiga das asinheiras,

Encontram sempre paz e repouso,
Sob a ampla benção do ceu piedoso.

É dura a terra que vão pisando,
Sentem revoltas, de quando em quando,

Nas incertezas d'um rumo vario,
Contra as agruras do seu fadario...

N'uma penuria faminta e reles,
Olham os campos que não são d'elles,

Frescas alfombras, nédias manadas,
Vinhedos, hortas, eiras pejadas,

Riqueza em barda, sorte ás mancheias
Abarrotando vidas alheias.

E, ó homem rico! tu tem cautella,
Que a ciganagem não se rebella

Contra o destino que é deshumano,
Sem te dar perdas ou causar damno.

Nunca lhes negues esmola e abrigo:
Senão, montados, medas de trigo,

Alpendres, choças, serras de palha,
Afóra o caso que Deus te valha,

Has-de ver tudo, se os maltratares,
Lambido em chammas por esses ares.

E ovelhas, cabras, chibatos, anhos,
O melhor que haja nos teus rebanhos,

As tuas eguas, os teus cavallos,
Se te descuidas, hão-de roubal-os,

E hão-de vendel-os, raça embusteira,
De monte em monte, de feira em feira,

. . . . . .

Almas sem crenças, que andaes á tôa,
Sem ter no mundo quem se condôa

Da vossa sorte rude e mesquinha,
Que ideal, que sonho vos encaminha?

Onde ides, almas desamparadas,
Almas penadas, pelas estradas,

Almas dispersas, almas errantes,
Em corpos toscos e extravagantes?

De que paizes do extremo oriente
Vindes trazidos pela corrente

Da mais sombria fatalidade?
Qual é, ciganos, a vossa idade?

Ninguem o sabe, nem vós sabeis
D'onde é que vindes e onde é que ireis.

Andaes aos tombos, aos solavancos
Pelas charnecas, pelos barrancos,

Incendiando, roubando, e quando
A morte ás vezes vos fôr ceifando,

Tereis na terra paz e repouso,
Sob a ampla benção do ceu piedoso!

AO REBENTAR DAS SEIVAS

AO REBENTAR DAS SEIVAS

Vem depressa, ó primavera,
Que estamos á tua espera!
Vejo dispostos os teares
E armados os bastidores,
Que são para tu bordares
A oiro do sol e a cores,
Charnecas, varzeas, pomares,
Arvores novas e velhas,
De folhas verdes e flôres,
Que dão o mel ás abelhas
E a alegria aos lavradores...
Vem depressa, ó primavera
Que estamos á tua espera!

OS BEBADOS

OS BEBADOS

Os bebados passam cantando nas ruas
Desertas da aldeia;
Recebem contentes ao sabbado as jornas,
E vão derretel-as á bôca das dornas,
De noite, nas tascas, á luz da candeia.

Em chusmas, unidos, é vêl-os no escuro
— Que até fazem dó! —
Espectros da fome, sahir das tavernas.
Borrachos, cantando, cambadas as pernas,
Os olhos mortiços e as bôcas em ó.

Um canta em voz alta; respondem-lhe os outros,
E cresce, enche o ar
Um côro arrastado, soturno, indolente,
E a alma do povo, parece que a gente
A sente cá dentro do peito a chorar!

Trabalham, moirejam de dia, e á noite,
Coitados, lá vão,
Fugidos á gleba, libertos do ançinho,
Embora haja fome, beber, porque o vinho,
Alegra e é por isso melhor do que o pão.

Nas praças desertas abraçam-se em grupos,
Meu Deus, que tristeza!
E os braços lhes pezam mais leves nos hombros,
Que o lenho das dôres, por esses escombros
Dos rudes calvarios, nos hombros lhes pesa.

Os bebados choram nas noites caladas,
Cantando em segundas,
As queixas doridas, os ais e os lamentos
Que ás vezes se escutam na leva dos ventos,
Na voz, no marulho das aguas profundas.

O genio das coisas soluça n'aquellas
Tristezas occultas,
E os tristes borrachos, cantando nas praças,
Sugerem tragedias, acordam desgraças
Que, ó genio das coisas, na treva sepultas!

Um canta em voz alta, respondem-lhe os outros,
E cresce, enche o ar
Um côro arrastado, soturno, indolente,
E a alma do povo, parece que a gente
A sente cá dentro do peito a chorar!

INVERNO

INVERNO

Janeiro vae correndo agreste:
Campos desertos, encharcados;
O sopro agudo do nordeste
Regela o sangue e em furia investe
Contra as piteiras dos vallados.

O fumo sobe dos telheiros
E a nevoa tolda os azinhaes,
Como farrapos de ligeiros,
Veus nupciaes.

Olmeiros nus, faias esguias,
De braços hirtos para o ar,
Que occultas magoas, que agonias
Mudas ás mudas penedias,
Quereis e não podeis contar!

Por entre as rochas, rudemente
Descem chorando as aguas turvas
D'uma ribeira anciosa, em curvas
De serpente.

Os lobos passam nas aldeias,
A farejar magros, hirsutos,
As arribanas que estão cheias:
Ladram-lhe atraz, em alcateias,
Os cães de guarda resolutos.

Em choças frias, sem resguardos,
Como nas tocas os coelhos,
Os aldeões tremem nos velhos
Gabinardos.

A fome aperta. O jornaleiro,
Chove e não pode trabalhar;
Já não tem pão, nem tem dinheiro,
Ouvem-se pragas n'um pardieiro,
E creancinhas a chorar.

Raio de vida! A sepultura
É menos fria e menos dura
Porque os acolhe em santa paz...
Vão para a vida os que têm sorte,
Os que a não têm vão para a morte:
Deus é que os faz e que os desfaz.

Ai, somno eterno! Os mais felizes
São os que a terra já consome:
Sustentam vermes e raizes,
E não têm frio e não têm fome!

NATAL

NATAL

Natal frio. O vento sopra
Desordenado,
A agua gela nos póços,
E o nevoeiro cerrado
Cega a vista e emperra os ossos.

O mar esfarrapa as ondas
Nas penedias,
As faias levam açoites:
Noites rudes como os dias,
Dias negros como as noites.

Pelas gargantas das serras
Encarquilhadas,
Tragando muros, lavouras,
Gados, troncos, as levadas
Despenham-se ameaçadoras.

Mez de dezembro: horas brancas,
Horas de neve,
As plantas têm arrepios
E o orvalho, muito ao de leve,
Chora dos ramos esguios.

Na egreja dá meia-noite,
Repica o sino...
Depois da missa do gallo,
Beija-se o pé ao menino,
E o povo corre a beijal-o.

O altar flammeja entre flôres;
Junto ao bercinho,
Sorrindo á gente que passa,
Lá está guardando o seu ninho,
A virgem cheia de graça.

Toca o orgão: que ternura
Nos olhos d'ella,
Vendo o filhinho deitado
Dentro da sua capella,
Gordinho, branco, rosado.

Pobres e ricos do mundo,.
Todos lá vão,
Levar-lhe velas e flôres;
Cahem, fazendo oração,
De joelhos os pastores.

Na rua, meu Deus, que frio
E que negrume!
Mas nos casebres da aldeia,
Se ha frio, que lindo lume,
Se ha fome, que bôa ceia!

Creanças, de porta em porta,
Sob as gotteiras,
Geladas, — que desatino! —
Andam cantando as janeiras,
Em louvor do Deus menino.

« Lá vae, lá vae, raparigas,
Já mal podeis
Cantar, rouquinhas as vozes,
Repletos os saquiteis,
De fructas, passas e nozes! »

Corre que Nossa Senhora
Desce do altar
E vai, em sonhos doirados,
Dar o menino a beijar
Aos presos e aos entrevados.

Leva-o nas dobras do manto,
Chegado ao peito,
Por causa do temporal,
Com todo o amor, todo o geito
D'um coração maternal.

Mas como a voz d'um propheta,
O vento norte,
Por onde quer que elle passa,
Entoa pragas de morte
E lamentos de desgraça.

E a Virgem sente afflictivos
Presentimentos,
E escuta vozes aziagas,
A d'ella n'esses lamentos,
E as dos judeus n'essas pragas.

A EXTREMA UNCÇÃO

A EXTREMA UNCÇÃO

I

O cortejo que leva a extrema-uncção,
Vae triste e vae calado;
Calado e triste o povo agglomerado;
Triste e calado o padre e o sachristão.

Turba-multa de sombras vacilantes,
Parece deslisar
Absorta nos magoados cambiantes
Da luz crepuscular.

Foi tambem n'uma tarde assim tranquilla,
Que eu tive minha mãe julgada morta,
E o viatico, atravessando a villa,
Entrou a nossa porta.

Mas o povo cantava atraz da umbella,
E ao vir-se approximando,
Assomavam com luzes á janella,
As mulheres cantando;

Cantavam o bemdito de joelhos
E a tremerem, coitados,
Na rua, á porta dos quintaes, os velhos
Torcidos e mirrados;

Á frente retinia a campainha
Em soluços no ar...
Morte negra, ai de nós! que se avisinha,
No ar a soluçar!

O cortejo que leva a extrema-uncção
Vae triste e vae calado;
Calado e triste o povo agglomerado;
Triste e calado o padre e o sachristão!

O padre é novo e natural da aldeia,
Conhece-o toda a gente;
Mandou-o o Senhor Bispo, e casualmente
Faz hoje a sua estreia.

O João da Luz tem uma filha, e é ella
Que está a agonisar,
Delgada e branca assim como uma vela
Que ardeu, ardeu e se apagou no altar.

O padre novo disse a missa nova,
E a triste, n'esse dia,
Resignada enterrou na mesma cova
A saude e a alegria.

E foi-se aos poucos definhando, e agora
Não ha remedio, adeus...
Se a gente apaga uma candeia, Deus
Pode apagar a aurora.

É por isso que vae triste e curvado
O padre, e em vão procura
Apagar da lembrança
O espectro que das brumas do passado
Sinistramente avança!

Se elle podesse, a consciencia pura,
Humilde e sem paixão,
Áquella desgraçada creatura
Levar a extrema-uncção;

Alma limpa, mãos limpas, ir depôr
Os santos oleos n'esse corpo enfermo,
Sentindo o coração tranquillo e ermo
D'um tão funesto amor!

Se podesse esquecel-a,
Derruir na memoria
Essa risonha quadra transitoria,
Trecho de vida deliciosa e bella,
Ao longe intercalado
Na sombria aridez do seu passado!

Mas tudo, á proporção que vae andando,
Por onde quer que passa,
Vilmente lhe espicaça
O corpo miserando;
Debalde invoca Deus, que o não escuta,
E a Virgem, que o despreza n'essa lucta.

Como então, embriagam-lhe os sentidos
As mesmas cousas que com ella d'antes
Amara tanto! Sitios preferidos,
Valles, encostas, arvores distantes,
As rochas e os outeiros...
Lá voltam do trabalho os jornaleiros
Cantando atraz dos bois;
N'aquella pedra, ao pôr do sol, um dia,
Abraçados os dois...
— «Perdoai-me, Jesus! Virgem Maria,
Valei-me por quem sois!»

Mas isso sim! Pelos caminhos fóra,
Por entre as sebes que o relento esfria,
Tudo o que d'antes lhe cantava e ria,
Empallidece e chora!

Fôra alli, no pendor d'aquelles serros,
Na primitiva paz d'esses montados,
Que d'entre a terra inculta dos seus erros,
Nascera o cardo vil dos seus peccados.

Se em fins d'abril a natureza é rica,
E uma erupção de flôres
Dilue por toda a parte as sete côres
Que o sol, o grande chimico, fabrica,
Qualquer casal acha o seu ninho feito
Quando está verde o pasto
E a tarde se incendeia em rosicléres;
Não ha mais doce e perfumado leito:
Uma enxerga de folhas de mentrasto
Coberta com lençoes de malmequeres.

Foi alli que, olhos fitos nos seus olhos,
Bôca na sua bôca,
A carne em flor amortalhara a louca
N'um sudario d'abrolhos.
'Inda lá estão os cedros inclinados
E as moitas d'alecrim...
Parece que foi hontem! Abraçados...
— «Jesus! Ó Virgem, mãe dos desgraçados,
Tem compaixão de mim!»

O outomno, que vae aspero, desnuda
A charneca maninha;
Ai, tudo soffre e sécca e se desfinha
N'uma tristeza muda!

Vão por montes e valles,
Aos repelões do vento, as folhas soltas;
Partiste, juventude, e já não voltas!
Ordena-te o destino que te cales...
O teu amor é criminoso, vence-o!
Silencio, alma de clerigo, silencio!

O cortejo que leva a extrema-uncção,
Vae triste e vae calado;
Calado e triste o povo agglomerado;
Triste e calado o padre e o sachristão.

II

No seu pequeno catre de solteira,
Essa pobre mulher inda tão nova,
Dorme, coitada, a noite derradeira;
Que a d'amanhã vae já dormil-a á cova.
Mal respira, está fria, cae-lhe a neve
Da eterna escuridão nos membros hirtos...
Ó morte, os teus segredos, como deve
Ser bom na hora derradeira ouvir-t'os!

Não vê, nem ouve, em tão mesquinha sorte;
Esse martyrio atroz,
Poupou-lh'o Deus, que Deus sempre na morte
Tem compaixão de nós.

Chora a um canto, n'um silencio amargo,
De joelhos, a mãe d'ella;
A dôr é grande, o coração é largo,
Mas custa-lhe a contel-a.

O pae, esse fugiu, não poude mais!
São mais fracos os paes,
Se a desgraça lhes vem bater á porta.
Anda talvez por esses matagaes,
Por essa noite escura, aos ais, aos ais,
Vendo por toda a parte a filha morta!
Fugiu, não poude mais!

De tanta formosura eis o que resta!
A doença ninguem poupa.
Quem a está vendo pensa: não é esta;
Morre, tão deformada e tão magrinha,
Que a gente mal o corpo lhe adivinha
Por debaixo da roupa!

O padre vae-a ungindo, e a cada uncção
Esconjura o demonio, mas em vão,
Que o sente e escuta, eterno peccador,
A soluçar, — que horror! —
No proprio coração!

As uncções purificam-lhe os sentidos:
— «Perdoae-lhe os peccados commettidos,
Senhor, a carne é fraca;
Se um mal eterno as almas desgoverna
Durante a vida, ha a clemencia eterna
Que as coleras aplaca!»

Quando o unge no peito, o pensamento
Grita-lhe sem piedade; que tormento!
Ó peito que elle tanta vez beijara!
Ó carne quente, palpitante e clara!
E aquella ancia de amor!... — «Jesus, soccorro!
Se me não vales, desfalleço e morro!»

Ao terminar a uncção já não se ouvia
O flébil arquejar d'essa agonia;
Illumina-lhe os labios um sorriso
A derradeira lagrima resvala...
Anjos do paraiso,
Já podeis vir buscal-a!

III

Noite fria d'outomno. Mal se enxerga;
Caminha-se ás escuras;
Rescende a terra, cheira a sepulturas;
Coaxam rãs nas aguas estagnadas;
Ergueu-se um vento ríspido, que verga
Os choupos das estradas.

E o cortejo ao voltar da extrema uncção,
Vem triste e vem calado;
Calado e triste o povo agglomerado;
Triste e calado o padre e o sachristão...

AD PETENDAM PLUVIAM

AD PETENDAM PLUVIAM

Tlão! tlão! tlão! tlão!
Vae pelos campos
A procissão.
Que Deus mande agua
Por compaixão:
Desmaia a vinha!
Mirra-se o pão!
E a terra é sêcca
Como um carvão!

O povo leva
Com devoção
Nossa Senhora
Da Conceição,
De monte em monte,
Por onde estão
Velhos de rastos,
Olhos no chão,
E as mãos cruzadas
Em oração.

Choros e rezas
Foi tudo em vão;
Nossa Senhora
Quiz procissão!
Ella tem tudo
Na sua mão;
É quem mais manda
No céu christão;
Vamos ter chuvas
Até mais não...
Não acreditam?
Verão, verão!

Dobram os sinos
Tlão! tlão! tlão! tlão!
Foguetes, bombas,
Que reinação!
Padres de estola
Mascando vão
Latim na solfa
Do cantochão,
E o incenso, em nuvens
Pela amplidão,
Cheira que é uma
Consolação!

O padre Vasco
Prégou sermão
Contra a notoria
Devassidão;
Calor na egreja,
Muito apertão,
Desmaios, gritos,
Ai, que afflição!
Se isto é castigo,
Se é maldição,
Deus nos acuda,
Perdão, perdão!

Por entre as cearas
A multidão
Vae murmurando:
«Perdão, perdão!»
E o prior velho
Levanta a mão,
E agita o hyssope
Da remissão
Com agua benta
Cuja aspersão
Orvalha o trigo
Mais o feijão.

E a Virgem Santa
Da Conceição,
Manto de seda,
Brincos, grilhão,
Anneis de pedras
De estimação,
Laços e flores
Em profusão,
Lá vae sorrindo
Com tal unção,

Com tanta graça,
Tanta expressão,
Que todos crêem
Sem distincção,
Que vão ter agua,
Que vão ter pão!

NO MONTE

NO MONTE

No monte, o lavrador, cançado da labuta
Do dia que passou, monotono, uniforme,
São oito horas, ceou, recolheu-se e já dorme,
Feliz por ver medrar as terras que disfructa.

A lavradora não; activa e rosoluta
Moireja até mais tarde e descança conforme
A faina lh'o consente e a barafunda enorme
De homens e de animaes que em derredor se escuta.

Mas a filha, que tem vinte annos e que sente,
Nas solidões da herdade, a alma descontente
E o sangue a referver n'um sonho tresloucado,

Encosta-se á janella; ouvem-se as rãs e os grilos;
E os olhos de azeviche, ardentes e tranquillos,
Ficam-se horas a olhar as sombras do montado...

A CALMA

A CALMA

O sol caustíca a prumo a rustica deveza;
Exala-se da terra um bafo ardente; o gado
Sedento, mal resfolga, á sombra do montado,
Nas fulvas crispações d'essa fornalha acêza.

Canta, refresca o ouvido a agua na reprêza
Da azenha e ao longe a voz d'um melro fatigado
Quebra, de quando em quando, o silencio pesado
Da sesta que adormenta em roda a natureza.

Arquejam, bico aberto, as galinhas e os patos;
E eu, que a escorrer suor, abro os olhos a custo,
Esperguiço-me, acórdo, e artista como um grego

O meu olhar pagão vê, atravez dos mattos,
Mover-se o corpo nu, elastico, robusto,
D'um filho do moleiro a chapinhar no pégo.

SILENCIO TRAGICO

SILENCIO TRAGICO

A faina principiou de manhã cêdo,
Manhã de junho, quente, abafadiça:
Os machados, na *arranca* da cortiça,
Rasgam de cima a baixo o arvoredo.

E o sobreiral vetusto, no segredo
Das tragicas paixões, na dôr submissa
Dos vegetaes, dir-se-ha que se espreguiça
N'um extase espectral de espanto e medo.

Mas quando ao fim da tarde olho o montado
E vejo em carne viva, ensanguentado,
O velho sobreiral, sinto que encerra,

Na tortura sem voz dos infelizes,
A dôr que vae dos troncos ás raizes
Chorar, gritar no âmago da terra!

OS BOIS

OS BOIS

Na doce paz da tarde que declina
Apoz a faina sob um sol ardente,
Vão os bois recolhendo lentamente
Pelas vias desertas da campina.

Atravessam depois a crystallina
Ribeira e ao flébil som da agua corrente
Bebem sedentos, demoradamente,
N'uma sensual rudeza que os domina.

Mas quando, fartos d'agua, erguendo as frontes,
Os beiços escorrendo, olham os montes
E ouvem cantar ao alto os rouxinoes,

Eu fico-me a scismar, calado e triste,
Que um mundo de impressões, que uma alma existe
Nos olhos enigmaticos dos bois!

BEMVINDA

BEMVINDA

I

Bemvinda, a filha do sineiro, é loira
E alegre como o sol que os campos doira.

Delgada e fragil como as açucenas
Que oscillam mesmo nas manhãs serenas,

Gota d'orvalho transparente e pura,
Que um dia Deus deixou cahir da altura

Sobre a triste existencia temporal
Do sineiro da velha cathedral.

Vinte annos sem ter filhos, já não era
Provavel que uma flôr de primavera

Viesse, em plena luz, desabrochar
Na esteril decadencia do seu lar.

A mãe já tinha feito quarenta annos
E elle sessenta; enfermidades, damnos

E a solidão que as almas enregela,
Fizeram pouco a pouco d'elle e d'ella

Dois tristes seres arrastando a vida
Difficilmente, na mansarda erguida

Na egreja, sob um vão de contraforte
Que ampara a torre contra o vento norte.

De modo que ao nascer essa creança,
Com ella renasceu tambem a esperança,

Chamma que irrompe d'entre cinzas frias,
De melhor tempo e mais alegres dias.

E porque veio assim, formosa e linda,
No mez d'abril, chamaram-lhe Bemvinda.

Gastou-se a mãe no leite que lhe deu,
E logo após a creação, morreu,

Vendo ao clarão do derradeiro olhar
A filha a rir e o pae a soluçar.

II

Bemvinda tem quinze annos. Cada dia
Que rompe entre clareiras de alegria

No immaculado azul dos olhos d'ella,
Anoitece, com medo de perdel-a,

No coração do lugubre sineiro,
Não vá, ultima flôr do seu canteiro,

Ser tambem desfolhada pela morte.
O medo de a perder turva-o de sorte

Que se ella o vê a olhar, calado e bronco,
E, haste nova cingida a um velho tronco,

O abraça e beija em éstos de prazer,
Quer e não pode as lagrimas conter.

Capricho singular da natureza:
Ser a alegria fonte de tristeza

N'aquellas duas almas tão visinhas
Das nuvens altas e das andorinhas,

Vivendo entre beiraes e coruchéos,
Distantes mais dos homens que de Deus,

E amando-se no seio oxigenado,
Na limpidez do espaço illimitado.

*
* *

Quando o velho cardiaco se sente
Muitas vezes mais fraco e mais doente,

Bemvinda ergue-se cêdo e é quem moireja:
Varre o largo terraço sobre a egreja,

Rega os vasos dispostos a seu geito,
Em linha, junto ao crasso parapeito,

Nos quaes, ao sol, o seu olhar ufano
Vê sempre a abrir rosas de todo o anno;

E com os braços tenros e franzinos
E as mãos pequenas, lá repica os sinos

Com tão clara alegria pelos ares,
Que as imagens sorriem nos altares,

E voam, n'um ligeiro e alegre bando,
Em volta d'ella os passaros cantando!

*

* *

Affeita ao culto, alma singela e boa,
A fé tranquilla em Deus habituou-a

Da religião ás praticas submissas:
Confessa-se, jejua e assiste ás missas,

Da ogiva aberta em frente do altar-mór
Toda inclinada para vêr melhor,

Quando ha pontifical ou lausperenne,
O cortejo magnifico e solemne

Do senhor arcebispo, revestido
Da capa magna, atraz do seu cabido,

A mitra d'oiro, o baculo aprumado,
Em bençãos para um lado e outro lado.

Tudo a deslumbra. Hysterica e nervosa,
Ebria de incenso e de harmonias, gosa

N'um extasis devoto as cousas bellas
Que esmaltam os altares e as capellas,

Esculturas, jarrões, pratas e rendas,
Os brocatéis e as lhamas estupendas

Que fulgem nas casulas e frontaes,
Mas sobretudo o que a deslumbra mais,

N'uma impressão de espanto e de grandeza,
É a custodia d'ouro, ao alto, accesa

No throno, em pedrarias de mil côres,
Circumdada de luzes e de flôres!

*

* *

Bemvinda então, n'um sonho, olhando abstracta
O vae-vem dos thuribulos de prata,

Dos quaes o incenso em flocos dissolventes
Consola os tristes e regala os crentes,

Subindo e desfazendo-se nas naves,
Ouvindo absorta as litanías graves

Que a egreja, ao som dos orgãos doloridos,
Trasborda afflicta em queixas e gemidos,

Então, Bemvinda sente-se — que encanto! —
Subir, envolta n'um aéreo manto,

Fulgente d'astros, pelo espaço fóra,
E entrando as portas da perpétua aurora,

Ave do ceu tranquilla que esvoaça
No infinito explendor, cheia de graça,

Escuta Deus, n'uma ternura infinda,
A dizer-lhe: — Que tu sejas bem vinda!

III

Bemvinda está doente, a arder em febre,
Ao fundo do tristissimo casebre,

No seu leito de virgem, branco e estreito.
Entrou-lhe a tisica voraz no peito,

E o seu rosto demuda-se á medida
Que nos pulmões lhe vae sugando a vida.

Na limpidez das faces cavernosas
Estúa o sangue a desfazer-se em rosas.

O olhar acceso e humido está fixo
Quasi sempre n'um grande crucifixo,

Que os dois braços pacificos descerra,
Como azas promptas a voar da terra.

Vem desde a noite fria do Natal,
Lembra-se muito bem, todo o seu mal.

Ouvira missa e a egreja estava quente
Das muitas luzes e da muita gente.

Quando subiu á torre, o luar enchia
A terra e o céu, como se fosse dia.

Julgou vêr a boiar toda a cidade
N'um oceano sem fim de claridade.

Em baixo, faiscavam como joias
Os lagos dos jardins e as claraboias;

Aqui e alem, recantos e arvoredos
Suggestionavam tragicos segredos,

Assim como agonias e tormentos,
Ao longe, a massa negra dos conventos.

Lembra-se muito bem. Ficou-se a olhar
Todo o explendor d'aquelle immenso mar,

Largando a rédea solta á fantasia
Que por mundos ignotos se perdia.

*

* *

Depois d'esse imprudente desvario,
Entrou em casa a tiritar com frio.

A seguir veio a febre e veio a tosse,
E a primeira hemoptyse. Tomou posse

Do seu corpo esse mal que a não illude.
Nunca mais teve uma hora de saude.

Dia e noite, é o pae quem trata d'ella,
N'uma angustia que aos poucos o esfacela.

Finge-se alegre, anima-a, a vêr se a engana,
N'um tormento que esgota a força humana.

Bemvinda, a cada novas hemoptyses,
Sente um estalar de fibras e raizes,

Que a vae, planta enfermiça, libertando
Da terra vil, do mundo miserando.

E olhos postos no pae que a fita absorto,
Com a expressão e a palidez d'um morto,

Pensa:—Tambem está perto do seu fim...
Talvez que Deus o chame antes de mim!—

*

* *

Toda a gente conhece na cidade
Aquella dôr e aquella enfermidade,

E avalia do estado da doente
Pelo tocar dos sinos: docemente,

Quasi em segredo, se ella soffre mais,
Morrem no ar sereno queixas e ais,

D'um tão dorído e fundo desalento,
D'um choro tal, tão soluçado e lento,

Que, quem os ouve e entende aquella magua,
Murmura, erguendo os olhos razos d'agua:

—A filha do sineiro está peor...—
Mas se os sinos repicam com vigor

E soam pelo espaço, alegremente,
Em vibrações nervosas, toda a gente

Diz, ao ouvir o toque prazenteiro:
—Está melhor a filha do sineiro!—

*
* *

Decorre o mez d'abril. Cançada ás vezes
De tanto padecer, vae em tres mezes,

Ergue-se, e como o tempo está seguro,
Sae ao terraço onde respira o ar puro

Dos campos. É o velho quem a ampara.
E ao immergir na luz doirada e clara

Da primavera, o animo parece
Que volta a rir no lindo sol que a aquece,

E a flôr dos labios sêcos lhe alumia
N'uma vaga e recondita alegria.

Tudo quer ver. É bella a natureza!
Grandes mares de trigo — que riqueza! —

D'um verde forte, ao longe limitados
Pela mancha sinuosa dos montados.

Serras de Portugal, serras de Hespanha,
Na confusão do vago azul que as banha,

Surgem na linha extrema do horisonte.
Mais áquem, n'um cabeço, alveja um «mònte».

Avultam na expansiva alacridade
Velhos conventos fóra da cidade,

Hortas frescas, pomares florescentes...
Mas ha nada mais triste que os doentes!

Quando se sente arrebatada e presa
Á vida universal da natureza,

Quasi esquecida do seu mal precoce,
Quasi alegre e feliz, volta-lhe a tosse,

Voltam-lhe os desalentos e os cansaços,
E o velho tem de a transportar nos braços,

Para a cama, n'um ultimo quebranto,
Banhada em sangue e suffocada em pranto.

IV

Bemvinda em quinta feira da Ascensão
Confessou-se, tomou a communhão

Que o coadjutor da Sé, piedosamente,
Lhe ministrou. Sentiu-se mais doente,

Viu a morte, e não quiz que ella a levasse
Sem que o sangue de Deus purificasse

A sua alma infeliz de peccadora.
A febre que a requeima e lhe devora

Os ultimos resquicios da existencia,
Luctou com ella e finalmente vence-a

N'uma lucta cruel e desegual.
É pavorosa a lucidez mental

De quem conhece os ultimos instantes:
Sonhos mortos, ideaes agonisantes,

Uma pena de tudo, uma saudade
Da alegria, do amor, da mocidade,

E a apagar-se na escuridão que avança
O ultimo olhar e a derradeira esperança.

*

* *

Logo a seguir á communhão, Bemvinda,
O ouvido attento e a vista clara ainda,

N'um desalento horrivel que a extenúa,
Sente passar, cantando, pela rua,

De volta das searas, raparigas
Com molhos de papoilas e de espigas,

—Os symbolos do amor e da abundacia.—
As vozes d'ellas perdem-se a distancia,

Na doçura da tarde que esmorece.
Tudo em volta se expande e resplandece,

Na pujança da vida e da saude.
O proprio chão, quer Deus que se transmude.

Nos matizes da alfombra appetecida.
A primavera é a saude e a vida.

E ella tão moça a desfazer-se em nada...
É realmente muito desgraçada!

Não ha força que a arranque ao seu destino.
Vae morrer. O ceu amplo e crystalino

Escutará os rogos e os lamentos
Da sua alma, nos ultimos momentos?

E no estertor que pouco a pouco a invade,
Fitou, cheia de angustia e de saudade,

O pae que finge uma expressão tranquilla;
E vendo o triste ser que se aniquilla

De joelhos, a resar junto do leito,
Sem uma queixa a transbordar do peito,

Sem uma lagrima a brotar dos olhos,
Pensa nas tempestades, nos escolhos

D'esse oceano de dôr tão represado,
Na desgraça d'aquelle desgraçado,

Vivo, mas já mais morto do que vivo,
A soffrer, a penar sem lenitivo,

Sem ter ninguem que o ame e possa erguel-o
Do horror d'esse afflictivo pesadello...

E olhando-o, a voz tranzida d'amargura,
Banhada em pranto, a agonisar, murmura:

—Pobre pae, tão doente e tão velhinho...
Eu vou deixal-o, vae ficar sósinho!—

*
* *

É noite. Á luz mortiça da candeia,
Que a um canto da mansarda bruxoleia,

Dando aspectos de vida e movimento
Ás sombras pavorosas do aposento,

Quasi a acabar, arqueja a moribunda,
Enregelada no suór que a inunda,

E os cabellos lhe empasta, esses cabellos
Leves e fartos, que era um gosto vêl-os

Em ondas d'oiro esparsos pelas costas.
Tem os olhos fechados, as mãos postas

E em Deus o pensamento, que parece
Extinguir-se na derradeira prece.

Já mal respira. O velho, suspeitando
Que a filha morre, ergue-se cambaleando,

Vae buscar a candeia, chega-a ao rosto
Da moribunda, e ao vel-o decomposto,

N'uma expressão de morte, austera e calma,
Grita:—Bemvinda, ai filha da minha alma,

Tu morres, ouve, escuta o que te digo,
Espera um pouco e leva-me comtigo!—

Bemvinda não ouviu, não respondeu,
E n'um ligeiro frémito, morreu.

V

Os nervos do sineiro então reagem.
Tomado d'uma subita coragem,

Tragicamente silencioso, olhando
O corpito esburgado e miserando

Da filha morta, resolveu tranquillo
Pentear-lhe os cabellos e vestil-o,

Como quando a levára pela mão
A tomar a primeira communhão.

Tirou d'uma arca velha o corpo e a saia
Do vestidinho branco de cambraia,

E, todo elle inclinado sobre o leito,
Vestiu-lh'o com tal graça e com tal geito,

Como se fosse a mãe que com meiguice
Para uma festa alegre lh'o vestisse.

E vendo-lhe os cabellos empeçados,
Lá lh'os desempeçou com mil cuidados,

Armando-lh'os em rolos sobre a testa,
Como se fosse a rir para uma festa.

*

* *

A madrugada não rompera ainda.
As rosas predilectas de Bemvinda

Estão, longe da mão que as abandona,
Brancas e frias como a sua dona.

Quando o velho sineiro vae colhel-as,
N'um ceu de lucto choram as estrellas.

Quebra o silencio o rythmo pendular
Do relogio na torre a soluçar.

Só elle, cujas mortas alegrias
Se afundam n'um mar alto de agonias,

Não lhe é dado chorar, achar conforto
Entre as dôres e angustias do seu horto,

Que Deus não quer humedecer de pranto
Os seus olhos febris, cheios de espanto.

Então, como um somnambulo, caminha...
Pega n'um ramo e n'uma almofadinha,

E os braços estendendo com cuidado,
Aperta ao peito o corpo inteiriçado,

Cuja cabeça, sem causar-lhe assombro,
Lhe cahiu docemente sobre o hombro.

Desce depois a escada, devagar.
Parece que tem medo de a acordar.

E no percurso da espiral comprida,
Julga talvez que a leva adormecida.

*
* *

Na egreja, em baixo, corta as trevas densas
A frouxa luz das lampadas suspensas.

Por detraz da rosacea que descora,
Mal se adivinha o despontar da aurora.

Na penumbra dos nichos recatados,
Pendem da cruz aspectos resignados,

E ha, entre o alvor symbolico dos lirios,
Gestos de dôr, visagens de martyrios

De atormentadas virgens supplicantes,
Erguendo os olhos para os ceus distantes.

Ao depôr o cadaver na capella
Da Virgem Mãe, que foi madrinha d'ella,

Sobre o tapete, carinhosamente,
Temendo, como quando estava doente,

Que a molestasse um movimento brusco,
Foi atravez do incerto lusco fusco

Buscar a tumba e erguel-a sobre o estrado,
Entre quatro brandões de cada lado.

Quando a metteu no esquife, poz-lhe á pressa
A almofada debaixo da cabeça.

Nas mãos de cera, finas e mimosas,
Postas em cruz, intercalou-lhe as rosas.

E ageitando-lhe as dobras do vestido,
N'um extase, fitou enternecido,

Docemente inclinado sobre o peito,
O rostinho da morta, alvo e desfeito,

Que o oiro dos cabellos lhe circunda.
Depois, n'uma explosão de dôr mais funda,

O corpo em febre, a alma desvairada,
N'uma vertigem doida, galga a escada,

Entra na torre, e em impetos convulsos
Atou as cordas fortemente aos pulsos,

E com tal força as repuxou, que os sinos
Estrugiram nos ares crystalinos

Da madrugada silenciosa e fria,
Acorda toda a gente que dormia,

E ouvindo um tal fracasso pelos ares,
Pensou que os grandes bronzes seculares,

Tocados por um doido, brutalmente,
Rompidas as amarras, de repente,

Se houvessem despenhado na calçada...
Mas em seguida não se ouviu mais nada.

. . . . . .
. . . . . .

Encontraram depois o velho morto,
Estendido de costas, como absorto,

Olhos pasmados para o sol distante,
Que lhe allumia o tragico semblante,

Todo banhado em sangue e as mãos crispadas
Inda presas ás cordas retezadas,

N'uma extranha e fantastica expressão...
Tinha-lhe rebentado o coração.

FIM

INDICE

INDICE

A sesta 7
As mondadeiras 15
A velha canção. 21
A cruz de trovisco 31
Primavera 49
A santa cruz 57
Salada primitiva 71
Alma religiosa 77
As cegonhas 83
Ecloga 91
Intima paz 99
Tragedia rustica 105
As moças de Bencatel 117
A ceia 123
Canções das rosas. 129
Serenata a Nossa Senhora 133
O senhor morgado. 143
Os ciganos 147
Ao rebentar das seivas 157
Os bebedos. 161
Inverno 167
Natal. 173
A extrema uncção. 181
Ad petendam pluviam 195
No monte 203
A calma. 207
Silencio tragico 211
Os bois 215
Bemvinda 219

PQ 9261 M643M8
Monsaraz, Antonio de Macedo
Papança, conde de
Musa alemtejana

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 03 25 03 004 0